

# A ESTRANGEIRIDADE DOS CORPOS SEM ÓRGÃOS NO CONTO ABREULIANO

THE FOREIGNNESS OF BODIES WITHOUT ORGANS IN THE CAIO FERNANDO ABREU'S SHORT STORY

Roniê Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

Natã Yanez de Oliveira Rodrigues de Melo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo integra uma proposta de leitura do conto “O afogado” publicado na antologia *O Ovo Apunhalado*, do escritor Caio Fernando Abreu. Na análise, relacionamos literatura e filosofia para uma investigação da representação dos corpos dos personagens masculinos como meio crítico socioliterário, em que as implicações destas corporalidades na narrativa se vinculam a aspectos sociais. Dialogamos com os construtos teóricos dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, nas obras *O Anti-Édipo* e *Mil Platôs*, referentes às subjetivações corporais, em específico destacando a noção de Corpo sem Órgãos (CsO), insubmisso às estratificações, e que aparece problematizada num contraponto com a ideia de Organismo estratificante. As coletividades do enredo, uma dupla masculina e um grupo de moradores, ao se tensionarem, possibilitam a contextualização de termos esquizoanalíticos como Desterritorialização, Máquina Desejante, Poder e Potência. A relação entre dominação e potencialidade estabelece uma abertura a outro diálogo, com Michel Foucault em *Vigiar e Punir*, livro com o qual abordamos a alegoria do Panóptico, e a contraposição dos Corpos Dóceis ao CsO.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Filosofia; Caio Fernando Abreu; Deleuze e Guattari; Corpo sem órgãos.

**ABSTRACT:** This paper is part of a proposal to read the short story “O afogado” (The drowned) published in the anthology *O Ovo Apunhalado* (The stabbed egg), by brazilian writer Caio Fernando Abreu. In this analysis, we connect literature and philosophy to an investigation of

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Literatura na Universidade Estadual da Paraíba – Brasil. Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2738-7087>. E-mail: [rodrigopinon2014@gmail.com](mailto:rodrigopinon2014@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestrando em Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Brasil. Bolsista CAPES – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8572-083X>. E-mail: [natanyanezmelo@outlook.com](mailto:natanyanezmelo@outlook.com).

the male characters' bodies as a critical socio-literary medium, in which the implications of these corporalities in the narrative are linked to social aspects. We dialogue with the theoretical constructs of the philosophers Gilles Deleuze and Félix Guattari, in the works *Anti-Oedipus* and *A Thousand Plateaus*, books which referring to corporal subjectivations, highlighting in specific the notion of Body without Organs (BwO), non-submissive to stratifications, and which appears problematized in a counterpoint to the idea of a stratifying Organism. The collectivities of the plot, a male duo and a group of residents, when tensionate yourselves, enable the contextualization of schizoanalytic terms such as Deterritorialization, Desiring-machine, Power and Potency. The relation between domination and potentiality establishes another dialogue, with Michel Foucault in *Discipline and Punish*, a book with which we approach the allegory of the Panopticon, and the opposition of the Docile Bodies to the BwO.

**KEYWORDS:** Literature; Philosophy; Caio Fernando Abreu; Deleuze and Guattari; Body without organs.

## 1 O (NÃO)LUGAR DA CONTÍSTICA ABREULIANA

Caio Fernando Abreu é um escritor reconhecido por traduzir o drama de personagens marginais, situados num espaço de tensão. Esse autor, nascido em Santiago do Boqueirão, atualmente a cidade de Santiago, no Rio Grande do Sul (RS), tinha a percepção de que sua literatura estava vinculada ao seu tempo, fato comprovável em cartas, contos, crônicas, peças, poemas e romances. No ano de 1979, que ilustramos como exemplo, em correspondência ao amigo José Márcio Penido, ele admitiu: “[...] como sou típico, como sou estereótipo da minha geração” (ABREU, 2014, p. 360). E foi com essa tipicidade que ele consolidou a sua faceta de contista.

A sua produção escrita engloba as décadas de 1970, 1980, 1990. Durante esses decênios, a movimentação social do país foi marcada pela Ditadura Militar (1964 a 1985), em contraposição à ebulição (inter)nacional da *geração beat*, do *flower power*, do desbunde, e da contracultura. Houve também grupos coordenados por mulheres, *gays*, lésbicas e negros que, enquadrados como minorias, lutavam por direitos historicamente usurpados e socialmente marginalizados. Essas ebulições enxertaram as narrativas abreulianas com informações extraliterárias, viabilizando críticas a aspectos histórico-culturais da sociedade. Desse modo, as percepções de Abreu a respeito do seu tempo

surtem no grande conjunto de sua obra, principalmente na sua contística, composta pelos livros: *Inventário do Ir-remediável*, de 1970; *O Ovo Apunhalado*, de 1975; *Pedras de Calcutá*, de 1977; *Morangos Mofados*, de 1982; *Os Dragões não Conhecem o Paraíso*, de 1988; *Ovelhas Negras*, de 1995; e *Estranhos Estrangeiros*, obra póstuma de 1996.

Dentre estas obras destacamos *O Ovo Apunhalado*, “[...] publicado em 1975, ano marco daquela coisa confusa, gostosa e passageira que batizaram como *boom* da literatura brasileira” (ABREU, 2018, p. 119, grifo do autor). *O Ovo Apunhalado* é dividido em três partes cognominadas Alfa, Beta e Gama, letras gregas que representam uma espécie de abecedário destes textos abreulianos. Sobre esta antologia, no “Prefácio” à primeira edição, a escritora Lygia Fagundes Telles destaca um “mundo de uma desesperada busca, onde as palavras se procuram no escuro e no silêncio como mãos que raramente [...] se encontram e se separam em meio do vazio” (TELLES, 2016, p. 13). Algo esboçado em “Eles”, narrativa concluída com um aviso: “Cuidado: eles estão aqui: à nossa volta: entre nós: ao seu lado: dentro de você” (ABREU, 2018, p. 160).

Das situações presentes na contística abreuliana, relacionamentos entre homens são frequentes. Com identidades estereotipadas, os personagens recebem alcunhas vinculadas às suas características físicas, ou às funções que desempenham dentro da narrativa, demonstrando que a definição não representa uma busca pessoal, mas uma exigência dentro destes enredos. Neste contexto, “O afogado” apresenta homens que aparecem representados compondo uma dupla, agindo de maneira oposta às expectativas dos personagens que atuam constituindo um grupo formado pelos moradores de um determinado lugarejo. Pela leitura da narrativa, constatamos que a comunidade representada no conto possui uma organização que se apresenta como intrínseca, uma padronização que estabelece um diálogo com proibições extraliterárias, possibilitando o encaminhamento da nossa discussão para uma problematização sobre a (des)organização dos corpos.

A respeito da estrangeiridade dos corpos no conto de Caio Fernando Abreu, a história narrada em “O afogado” gira em torno de um personagem estrangeiro cognominado Alfa, que aporta numa determinada localidade de maneira desconhecida quando acaba sendo encontrado desacordado na praia pelos nativos do lugar, obrigando os moradores a buscarem o médico residente para a constatação do óbito. Depois de verificar os escassos batimentos cardíacos do afogado, o doutor decide cuidar da saúde desse desconhecido, mantendo-o longe dos olhares curiosos dos pescadores, fato que motivará desconfianças e suspeitas generalizadas a partir das quais a dupla masculina passará a ser perseguida pela comunidade, que atua guiada pelo padre do local, representante vivo de um antepassado militar. Os atos de violência exercidos pelo grupo comunitário se desenrolam durante o desenvolvimento do enredo até se potencializarem na cena final, quando os habitantes espancam até a morte o estranho que aportou em suas terras, enquanto o médico, considerado seu pária, foge pela extensão de areia da praia, observando a violência à distância. Como parte do desfecho, ele retorna ao corpo espancado, agora já sem vida, para limpá-lo e, na sequência, sugere que dará fim à própria vida entrando lentamente no mar.

Sobre o espaço geográfico representado no enredo de “O afogado”, o narrador nos informa que o doutor se encontra numa situação em que, de dentro do cômodo em que mantém Alfa sob seus cuidados médicos, pode observar ao mesmo tempo “a estátua do general no meio da praça e um desconhecido no quarto” (ABREU, 2018, p. 168). Considerando o âmbito espacial, sabemos que a praça é um local geralmente centralizado, um espaço público que promove vinculações sociais entre pessoas. No texto abreuliano, esse lugar centraliza uma representação artística do general vinculando o contexto militar ao literário, ao indicar o poder que a presença dessa figura representa nesta vila de pescadores. Como a obra *O Ovo Apunhalado* situa-se, historicamente, em pleno período da Ditadura Militar no Brasil, em 1975, os atos

violentos exercidos pelos habitantes, justificados por uma preocupação comunitária, representariam, em determinado sentido, os abusos de poder do regime militarista.

Isso ficaria evidente, por exemplo, na ocasião do confronto entre o grupo de moradores e a dupla masculina, quando a representação desse poder censor se faz presente a partir da figura religiosa do padre e da escultura do general. Na cena, conforme o médico observa através da janela de seu quarto, ele “então distinguiu os homens amontoados sob a estátua do general, em torno do padre, cuja batina esvoaçava estranhamente leve com o vento” (ABREU, 2018, p. 175). De certo modo, esse trecho ilustra que os pescadores são controlados pela insígnia do general, o qual ainda exerce um certo poder na configuração social do lugar, mesmo sendo representado por uma estátua. Ao lado dela, os moradores da vila consideram que qualquer perturbação da ordem local é passível de reordenação. Por isso, ao verem o doutor,

Tão logo sua presença foi notada, um brusco silêncio se armou: voltaram-se todos para observá-lo, os pescadores com os chapéus nas mãos, as mulheres com os filhos dependurados na cintura, mesmo os cães cessaram os movimentos e, atentos ao que se preparava, olhavam-no imóveis. (ABREU, 2018, p. 175).

Com base nessa situação de tensão, num contraponto entre as ações tomadas pelos personagens apresentados como o afogado e o doutor, que são aqueles que não cedem às censuras, observamos as ações dos demais moradores, que representam os executores das recriminações. Neste último lugar de fala, é a figura do padre, associado à alegoria do general, que alerta ao médico: “[...] a nossa comunidade prima pela decência, pelos bons costumes e a moral elevada” (ABREU, 2018, p. 171). A afirmação dialoga com o lema positivista “ordem e progresso” presente na bandeira do Brasil, utilizado nas máximas ufanistas do regime ditatorial que o conto tangencia. Nesse sentido, a

literatura abreuliana também pode ser lida numa associação entre Nação e narração, reafirmando o papel crítico do discurso literário quando ele reelabora esteticamente as tensões que se desenvolvem na sociedade.

## 2 INTER-RELAÇÕES FILOSÓFICAS E LITERÁRIAS

Considerando este introito, ao confrontarmos o texto literário com construtos teóricos específicos, desenvolvemos uma leitura esquizoanalítica do conto “O afogado”, a partir de uma associação com a noção filosófica de um Corpo sem Órgãos, representado pelos protagonistas, contra a ideia de Organismo, constituído pelos moradores da vila de pescadores. A concepção de um CsO aparece tratada como um construto por ser um pensamento coletivo de Gilles Deleuze e Félix Guattari, filósofos franceses que problematizam essa noção em duas de suas obras: *O Anti-Édipo* e *Mil Platôs*; ambas subintituladas como *capitalismo e esquizofrenia*. Esses livros apresentam a Esquizoanálise de Deleuze e Guattari como uma proposta analítica que se contrapõe à Psicanálise de Sigmund Freud. Esta cisão teórica compreende que o desejo psicanalítico é uma falta subconsciente a ser preenchida, enquanto o desejo esquizoanalítico é uma potência corporal em constante produção.

Na filosofia deleuze-guattariana, a noção de CsO é compreendida num contraponto com a ideia de corpo enquanto Organismo, o qual seria constituído obedecendo a uma ordem, com determinados objetivos e funções hierárquicas que visam despotencializá-lo, territorializando-o em uma significância e uma subjetivação fixadas pelas instituições. Ao contrário disso, o CsO se configura liberto dos automatismos, desterritorializando-se dos estratos sociais que codificam o organismo. Nessa lógica, ele é um corpo de resistência, composto por intensidades e cheio de potência. Como todo construto teórico, o CsO é problematizado em textos inaugurais, os quais Deleuze e Guattari intitulam como “O corpo sem órgãos” e “Como criar para si um corpo sem órgãos?”.

Nesses escritos, o CsO é tratado como um corpo pleno em uma constante produção de desejo, a qual preenche o espaço antes ocupado por um órgão. Em decorrência dessa constante imanência do desejo corporal, o corpo é concebido como uma máquina desejante. Como “o corpo sem órgãos se assenta sobre a produção desejante, e a atrai, apropria-se dela” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 24), a máquina desejante impede que o organismo ocupe espaço e imponha sua organização a esta corporalidade. A ausência da organização verticalizada, imposta pelo organismo, permite uma certa horizontalização do CsO, um movimento de expansão que possibilita as inúmeras experimentações de um corpo pleno.

Conforme suas experimentações analíticas, Deleuze e Guattari observam este CsO não apenas no campo da Filosofia, pois sua esquizoanálise migra pelos diversos âmbitos do conhecimento humano, estendendo suas reflexões até áreas como a Literatura. Como não se trata propriamente de um conceito, mas de uma construção, ou seja, uma experimentação, salientamos que “ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, vol. 3, p. 12). Esse CsO é uma constância instável, que realiza estabilizações momentâneas, nomeadas pelos filósofos como agenciamentos. Esse corpo rejeita os órgãos em sentido de hierarquia, refutando a organização e única função a que estes estão aparentemente submetidos.

Por sua natureza de devir, um estado de vir-a-ser intermitente, não é possível concluir tal experimentação, pois sempre haverá um movimento de desterritorialização responsável por conceber o CsO como processo e não como fim. Como procedimento, lembremos que, enquanto CsO, “jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo com dois termos: mão-objeto de uso, boca-seio, rosto-paisagem. E cada um dos dois termos se reterritorializa sobre o outro” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, vol. 3, p. 45). Para Deleuze e Guattari, este é um processo contínuo de dupla reterritorialização. Nesse

sistema de territorialidades, observamos que nos termos mão-objeto de uso, a mão assume a função da ferramenta que estiver segurando para exercer algum trabalho manual, enquanto a ferramenta assume a função de extensão da mão. Isso implica que ao reterritorializar a si mesmo, o elemento desterritorializado assume o território do outro artefato. Esse processo também ocorre de maneira oposta, ou seja, no processo de (des/re) territorialização em que os elementos ocupam seus territórios opostos.

Identificamos que na narrativa de Caio Fernando Abreu há um sistema de territorialidades semelhante ao proposto por Deleuze e Guattari. Em “O afogado”, vemos que os personagens centrais passam a constituir a formação de uma dupla, em oposição ao grupo formado pelo restante dos habitantes do lugar. Estas agrupações sociais surgem por meio da (des/re) territorialização dessas figuras ficcionais. Inicialmente, distinguimos os sujeitos que atuam no conto como que agrupados por duas coletividades representativas: os cúmplices, o afogado e o doutor; a massa, os moradores da vila de pescadores. Tratamos os protagonistas conforme a relação de cumplicidade, e os antagonistas segundo a indicação do narrador. Sublinhamos também que as nomeações são indicadas ao longo do conto pela aparência (o menino, a mulher gorda) e pela funcionalidade dos personagens (o doutor, o padre, os pescadores). A única exceção é constituída pelo afogado, que revela apenas ao doutor que o seu nome é Alfa.

Ainda sobre o enredo de “O afogado”, notamos que a alegoria do afogamento é construída em uma inversão da relação vida-morte, pois a condição póstuma idealizada no início da narrativa, através do corpo do afogado, será concretizada no final do conto, por meio do corpo do doutor, que vai adentrando pelo mar aberto, como se quisesse sugerir uma morte por afogamento, aquela que no princípio da história quase vitimara Alfa. Com a inversão dos órbitos, esses personagens assumem os territórios póstumos um do outro, os quais são opostos aos que deveriam ocupar inicialmente. Com isso,



os cúmplices se aproximam da ideia de que nunca nos desterritorializamos sozinhos, mas pelo menos em dois termos, nesse caso, afogado-doutor. Na perspectiva de um CsO, o rapaz provoca desterritorializações dentro da narrativa, influenciando o homem e os demais personagens a se reterritorializarem. Esses aspectos são trazidos à tona quando o médico nega à mulher gorda o direito de ver o paciente dele. A tensão criada pela negação prenuncia o temor da população da vila em relação a presença de Alfa, medo representado através dos pensamentos receosos da personagem feminina:

*Ele era aquele homem lá em cima – toda a distância de outras terras, paisagens feitas não só de mar e montanhas, mas de outros elementos que ela não conseguia sequer supor, a não ser por velhas histórias, tão esgarçadas quanto inverossímeis. Ele era o inverossímil. Ele era a possibilidade negada de ampliar a visão.* (ABREU, 2018, p. 170, grifo do autor).

Constituindo sua identidade de maneira análoga a de um CsO, o afogado é inverossímil, ele não faz parte da pequena comunidade, é exterior à organização do cotidiano monótono. Por isso, sua presença nesse lugar acaba por transformá-lo no centro das atenções, sob a exigência, por parte dos demais, de um reconhecimento, como forma de enquadrá-lo ao povoado. A vila é um local no qual ele aporta sem permissão, e onde permanece sem compatibilidade de função, modificando esse pequeno organismo social. As deduções que perpassam os pensamentos da mulher gorda, e dos habitantes do vilarejo, são alusivas às histórias de outros locais. A exterioridade é o único referencial da localidade, que não reconhece o rapaz que ocupa o interior de seu território. Dentro da ideia filosófica de potencialização do CsO, o afogado não permite a amplitude da visão dos moradores. Ele não suporta deduções verticalizadas, que o enquadrem na hierarquia social dessa localidade praiana. Seu posicionamento é horizontalizado, ele é um corpo que foge às deduções, que não aceita uma estratificação. Ele representa uma quase inexistência dentro do

grupo, apenas ocupando os espaços da praia e do quarto do doutor. Em sua transição do chão de areia para os lençóis da cama, nenhum morador sabe sequer o seu nome, se referindo ao rapaz apenas como Ele.

Essa aura de indefinição que rodeia o afogado é, em parte, derivada do seu isolamento. Em quase toda a narrativa, o rapaz permanece no quarto alugado pelo doutor, no primeiro andar da pensão. Nesse local, o médico vive sob os cuidados da mulher gorda, mas as funções domésticas até então realizadas pela personagem feminina são suspensas para que ela não mantenha contato com Alfa. O conto não traz menções diretas sobre a hospedaria na qual vive o médico, mas indica que o doutor observa “[...] alguns curiosos postados sob a janela da pensão, sem ousarem fazer perguntas” (ABREU, 2018, p. 167). Esse cômodo posiciona os cúmplices em um lugar privilegiado, por ser elevado em relação ao terreno das casas que contornam a praça. Nele, através de uma única janela, o doutor tem uma visão ampla da comunidade. Porém, apenas quando ele desce às ruas para visitar os doentes, os moradores podem observá-lo. Consciente disso, o narrador indica que o médico “ao atravessar a rua mediu bem o passo para que não percebessem alguma alteração. Era preciso ser natural” (ABREU, 2018, p. 172). Ele esboça essa naturalidade para não chamar atenção, atendendo às expectativas cotidianas dos moradores, numa tentativa de evitar futuras exigências e punições.

Nessa perspectiva de vigilância, o CsO representado pelos personagens cúmplices esboça uma potencialização que incomoda os moradores. Mas não é o médico quem, inicialmente, simboliza um perigo imediato para a comunidade, e sim o rapaz que permanece recluso no quarto. A vila acredita que o afogado pode oferecer risco à segurança do lugar. O que os moradores temem é que Alfa obtenha informações, as quais eles mesmos não conseguem obter. Com esse posicionamento, assumem entre si uma relação panóptica, que se assemelha às reflexões de Michel Foucault em *Vigiar e Punir*, livro que aborda o *nascimento da prisão*. Nessa obra, o filósofo francês faz um apanhado histórico dos métodos

sociais de encarceramento, principalmente no contexto cultural europeu. Foucault aborda o poder social como estabelecido por ferramentas de controle, que convergem em uma constante vigilância e consequente punição. Ele analisa, em zona de vizinhança, as instituições militares, escolares e hospitalares como locais que confinam e controlam seus internos. Como a obra é dividida em Suplício, Punição, Disciplina e Prisão, focamos na parte disciplinar, que desenvolve, em seu terceiro capítulo, uma discussão sobre “O Panoptismo” na sociedade.

Apropriando-se da idealização de Jeremy Bentham, o filósofo inglês que arquitetou o projeto do Panóptico, Foucault constitui seu próprio conceito de sociedade panóptica. Na concepção de Bentham, há uma idealização de uma construção circular periférica, em que os espaços de confinamento são separados, de tal forma que não permitem a comunicação entre os prisioneiros. No centro da construção há uma torre de observação, com janelas que coincidem com as aberturas da cela. Estas fendas permitem a passagem da luz pelo espaço de encarceramento, e projetam sombras no chão ao redor da torre, ampliando a visão do vigia sobre os prisioneiros. Mas o posicionamento destes orifícios não permite que o encarcerado constate a vigilância. Mesmo que não haja alguém na torre, o prisioneiro sempre deduzirá a presença do vigilante. Esta automatização deriva em um autocontrole que facilita a manutenção do poder, reduzindo as tentativas de fuga da autoridade:

O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e se suprimem as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protege. A visibilidade é uma armadilha. (FOUCAULT, 2014, p. 194).

Quando inferimos a presença de um dispositivo panóptico na narrativa de “O afogado”, pensamos primeiramente em Alfa ocupando o quarto da pensão, um espaço doméstico que, no contexto narrativo, pela posição que ocupa em relação aos demais imóveis, alegoriza uma torre de observação. Isso é possível porque os moradores acreditam numa constante vigilância advinda do rapaz e, com isso, automatizam para si mesmos o controle que poderiam exercer. A armadilha da visibilidade, nesta comunidade, se constitui pela “[...] a possibilidade negada de ampliar a visão” (ABREU, 2018, p. 170): o afogado pode observá-la, mas ela não pode vê-lo. O próprio espaço geográfico também influencia este panoptismo, pois a praça sem árvores permite uma visão ampla das casas ao redor da estátua do general. Sobre este aspecto, o narrador explicita que “[...] era fundamental para a sobrevivência de todos que as vidas fossem identicamente claras – tão claras que o sol pudesse vará-las como varava as janelas constantemente abertas [...]” (ABREU, 2018, p. 175). Essa descrição coincide com a inversão da masmorra pelo Panóptico: a exposição do prisioneiro à luz torna a sombra em um dispositivo de vigilância. Se as janelas abertas revelam a vida dos moradores às pessoas na comunidade, eles também precisam desnudar a vida do rapaz, que pode se apropriar dessa exposição comunitária.

Por essa necessidade de sobrevivência, a vila é repleta de rostos curiosos. Os moradores vivem em estado de paranoia, sempre (in)conscientes da permanente visualização de suas vidas. As janelas abertas aludem à dinâmica do Panóptico, e do seu efeito crucial: “[...] induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (FOUCAULT, 2014, p. 195). Como seguem valores tríplexes de decência-moral-costumes, que exigem o seu cumprimento, para os habitantes da vila é aceitável apenas o policiamento que realizam entre si. Quando o afogado é compreendido como um suposto vigilante, o alerta de perigo faz com que eles se induzam à violência. Cabe ao padre, enquanto

representante religioso, tomar esclarecimentos antes de adotar decisões, como em seu diálogo com o doutor:

[Padre:] – Mas pode ser uma criatura de maus costumes. O senhor sabe que a nossa comunidade, graças a Deus e aos meus modestos mas desvelados esforços, a nossa comunidade prima pela decência, pelos bons costumes e a moral elevada.

[Doutor:] – Não acredito que um desconhecido seja capaz de abalar a sua decência, os seus bons costumes e a sua moral elevada.

[Padre:] – O senhor não acreditar é uma coisa. Do que ele é capaz ninguém sabe. Falo em nome de Deus – apontou para a estátua do general – e em nome do nosso mais ilustre antepassado. Esse homem pode ser um criminoso. (ABREU, 2018, p. 171-172, grifo nosso).

O trecho supracitado demonstra uma tentativa de reestabelecimento panóptico, na qual o padre aplica os valores de decência-moral-costumes que regem a comunidade. Se os cúmplices, o doutor e o afogado, compreenderem que há uma configuração social preestabelecida historicamente, serão induzidos a ceder ao controle da massa. Esse é um modo de retomar as ferramentas de poder – a vigilância e a liberdade – que a dupla de homens está exercendo sem a permissão do grupo de moradores. Como vimos, o doutor também burla a atenção comunitária, e age com a naturalidade esperada, como uma forma de suprir as expectativas dos habitantes. A realização dessas escolhas indica que o médico age, até certo ponto, conforme sua vontade, mesmo que seja para não ser repreendido. Essa falsa inclusão comunitária que ele faz supor disfarçando suas ações evita que a sua presença cause tanto incômodo, diferente da possibilidade de Alfa estar agindo da mesma forma, colocando em risco a sobrevivência dos que ocupam o vilarejo. Como dito pelo pároco, o afogado pode ser uma pessoa de maus costumes, e isso não é permitido pela vila.

Com essa configuração social, constatamos que a comunidade é composta por duas imagens masculinas centrais: o general e o padre. Eles

representam duas alegorias sociais que configuram um poder autoritário, o Estado e a Igreja: uma organiza por meio da força; a outra ordena por meio das crenças. O general está presente na forma de uma estátua, que solidifica sua posição na vila e na aura militar contextualizada. Essa figura estanque está subentendida na organização social do lugarejo, pois representa a inércia dos moradores. Ser o antepassado mais ilustre reforça a ideia de estabelecimento histórico de uma personalidade hierarquizada, acima das instituições sociais, incluindo a própria Igreja que se submete e, por vezes, alterna com o poder exercido pelo Estado.

Nessa relação, há um jogo de palavras e imagens que trata a dinâmica Estado/Igreja. Mesmo que a marcação de texto indique que o padre está apontando para a representação artística do general, a colocação da indicação após a palavra Deus é sugestiva. A religião que o pároco representa, a Igreja Católica, tem como premissa ser porta-voz divina. Com isso, ele afirma que sua preocupação com o tripé regulatório decência-moral-costumes é uma extensão da vontade divina. Devido ao recurso de ambiguidade sintática, ao apontar para a estátua, ele sobrepõe a imagem do general à figura de uma divindade. Reforçando a superioridade do militar, o padre elucida que o poder que emana da Igreja deriva do Estado, num vínculo estreito em contextos autoritários e ditatoriais na sociedade. Por este motivo, Alfa e o doutor não podem inverter a ordenação da massa, agindo conforme suas próprias vontades, pois a vila de pescadores é regida pelo poder do Estado exercido através da Igreja, instituições que não permitem intervenções sobre os poderes.

Retomando a discussão sobre o panóptico, observamos que a estátua do general também exerce função semelhante dentro da narrativa de “O afogado”. O militar, representado por uma escultura, estabelece e automatiza sua vigilância por um tripé regulatório: os valores decência-moral-costumes da comunidade. Ao padre, cabe a extensão da ambígua vontade divina-

antepassada, anseios que se concretizam pelas regulações tríplices supracitadas. Isso é possível porque

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens: um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça. (FOUCAULT, 2014, p. 198).

Neste sentido, Foucault compreende o panoptismo social como um conjunto de mecanismos de poder dualizados, ou seja, mecanismos dicotômicos que realizam divisões como, por exemplo, contracidade e sociedade perfeita. Essas divisões têm como objetivo a divisão entre o certo e o errado, instaurando quais comportamentos são (in)adequados. No conto abreuliano, considerando essa perspectiva dicotômica, a contracidade seria o território ocupado por Alfa e pelo doutor, enquanto a sociedade perfeita seria a vila sem a presença dessa dupla de sujeitos considerados inadequados.

Idealizando uma sociedade perfeita para a vila de pescadores, os moradores esclarecem a qual Panóptico correspondem a sua disciplina. Enquanto os cúmplices configuram uma representação hipotética do panoptismo na narrativa, a escultura se revela como o dispositivo panóptico concreto da comunidade. Como destacamos anteriormente, o doutor observa da janela de seu quarto “[...] os homens amontoados sob a estátua do general, em torno do padre [...]” (ABREU, 2018, p. 175). Retomando essa imagem, apreendemos que o médico pode apurar a capacidade de penetração de controle do antepassado no tempo presente social do vilarejo. Alegoricamente, essa corporificação estanque assume um posicionamento de torre de observação, tendo o pároco como uma espécie de vigilante. Como essa representação militarista está centralizada na praça que, por sua vez, é

circundada pelas casas dos pescadores, há uma inegável semelhança arquitetural com o Panóptico de Bentham. Dentro desta estruturação, os habitantes da localidade, guiados pelo líder paroquial que representa o ancestral militar, tentam retomar o controle sobre os dois homens que subvertem sua organização social: o organismo comunitário tenta estratificar o corpo sem órgãos.

Nessa interrelação, além de se associar ao panóptico, a imagem do pároco é discutida através do construto teórico do CsO. Na reflexão deleuze-guattariana, “cada vez que o desejo é traído, amaldiçoado, arrancado de seu campo de imanência, é porque há um padre por ali” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, vol. 3, p. 18). Com essa afirmação, Deleuze e Guattari refletem que a vigilância religiosa sobre os corpos sem órgãos é sempre automatizada por meio de maldições. Apesar da especificidade paroquial, este aspecto é aplicável às demais figuras religiosas e suas crenças estratificantes. Nesse contexto, lideranças religiosas estabelecem uma lista de pecados para as práticas que constituem o CsO, no intuito de organizar uma autovigilância do desejo imanente. Para isso, também utilizam um tripé regulatório, que se configura em: lei negativa; regra extrínseca; ideal transcendente. Em síntese, estas regulações compreendem que o desejo é uma falta baseada em um prazer impossível de gozo. Regulação que aproxima a padronização religiosa ao aspecto da falta desejante psicanalítica, a (auto) punição, em oposição à imanência desejante esquizoanalítica, o (mútuo) prazer.

Pensando essa representação do padre em “O afogado”, observamos que ele busca informações que possam hierarquizar Alfa na vila. Mas na impossibilidade de manipulação, deduz uma possível criminalidade, marginalizando socialmente o rapaz, e o amaldiçoando com aspectos negativos. Nessa lógica, a comunidade exige que os moradores cumpram a obrigação de serem decentes, através do cumprimento dos bons costumes, e pelo autocontrole da moralidade elevada. Com base nisso, enfatizamos que, do ponto



de vista das instituições, o desejo deve ser interrompido pelo organismo quando emana de um CsO, para que ele não preencha o plano corporal ocupado pelo órgão. O organismo é um mecanismo social de organização, que preestabelece funções sociais e busca despotencializar os corpos, censurando os desejos de cada CsO. Tal censura também ocorre no conto abreuliano, representada por uma comunidade regida por valores preestabelecidos. Dentro da interpretação filosófica de Deleuze e Guattari, o modo de agir da vila resume uma tentativa de estratificação, que territorializa o CsO a partir de estratos relacionados ao organismo, à significância e à subjetivação. Essa outra tríade demonstra a oposição do organismo social aos corpos plenos, organização que investe sobre o CsO a partir de um modo de agir coercitivo:

Você será organizado, você será um organismo, articulará seu corpo – senão você será um depravado. Você será significante e significado, intérprete e interpretado – senão será desviante. Você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um sujeito de enunciado – senão você será apenas um vagabundo (DELEUZE; GUATTARI, 2012, vol. 3, p. 25).

Um depravado, desviante, vagabundo também pode ser um criminoso. Assim como o pensamento dos moradores do lugarejo representado na narrativa de Abreu, as negativas propostas por Deleuze e Guattari referem-se a uma percepção bastante comum que sociedades tidas como tradicionais têm acerca da marginalização. Assim, na narrativa, se há possibilidade de crime, punir o criminoso é um modo justificável para o padre zelar pela segurança dos paroquianos. Por causa disso, a potência representada pelos cúmplices é ofuscada pelo poder da massa, que tem a expectativa de organizar, significar, sujeitar. Nesse caso, a morte é a solução para interromper a criação de um corpo cheio de potência, criando um corpo esvaziado. Tal insistência de esvaziamento ocorre desde o momento de frustração da tentativa de organizar os corpos da dupla: ao modo que ela exercia certa liberdade, “pequenos grupos se formavam

pelas esquinas. Uma tensão ainda mais nítida que o calor sufocante ampliava-se por toda a vila, como uma corrente elétrica” (ABREU, 2018, p. 172). E quando colunas<sup>3</sup> simultâneas sincronizam as vozes dos protagonistas, o afogado revela que seu nome é Alfa, e explica ao doutor que

[...] é preciso que alguém faça periclitar a ordem das coisas porque essa ordem permaneceria inabalável se não houvesse a minha chegada pois quem provou do ódio desejará provar coisas cada vez mais intensas e o mais intenso que o ódio só pode ser essa região sombria à qual os homens deram um nome [...] (ABREU, 2018, p. 174).

Opondo-se ao organismo, Alfa atua no campo das intensidades, colocando sua potência em confronto com o poder social da vila. A região sombria pode ser a massa enquanto organismo que, ao provar do ódio, deseja o controle da vida do outro: interromper a essência através da morte. Pressagiado, o óbito dos cúmplices não é apenas uma prática punitiva, mas uma ânsia do organismo para interromper a imanência do CsO, exercendo seu poder sobre a superfície esvaziada de existência. Com esta periclitância da ordem, o afogado incorpora certa indisciplina, pois a sua corporalidade age indiretamente sobre a configuração social do lugarejo. O seu corpo é a única prova de sua vivência na comunidade, pois apenas o menino e o doutor viram o seu rosto desde sua chegada. Tal fato cria uma atmosfera de curiosidade, a qual se alastra pela localidade, como uma chama para o ardor do ódio.

Como referência a esta região sombria, após a morte do afogado pela massa, vemos que o doutor “quando alcançou o corpo [...]: tomou entre as mãos a cabeça destrocada e ficou olhando durante muito tempo para dois olhos azuis

<sup>3</sup> Na quinta parte do conto, das sete divisões por algarismos romanos, há duas colunas que apresentam as falas do doutor, à esquerda, e do afogado, à direita. Faremos a transcrição, seguindo a apresentação sintática truncada na narrativa: parágrafo único sem pontuação e ausência de letras maiúsculas.

escancarados. O sangue ainda escorria” (ABREU, 2018, p. 178). A morte de Alfa ocorre em decorrência de ele ser identificado como um corpo indisciplinado, o qual os moradores buscam impor a mesma disciplina a qual se submetem. Eles o punem porque um corpo sem vida não emana desejo, permanece inerte como um corpo disciplinado. Dessa forma, a atuação comunitária se aproxima da discussão sobre “Os corpos dóceis”, presente em *Vigiar e Punir*. Ao abordar a docilidade corporal instituída pela sociedade, Foucault reflete sobre a configuração das disciplinas tanto como método de ensino quanto como mecanismo de controle. Sobre o contexto disciplinar, ele aborda uma anatomia política e mecânica de poder social:

Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 2014, p. 135, grifo do autor).

Dentre as cisões filosóficas com as quais estabelecemos diálogo, equiparamos a abordagem corporal deleuze-guattariana ao sentido foucaultiano de um laboratório de poder. Ou seja, apontamos que, por meio da limitação das máquinas desejantes, através de uma mecânica do poder, a sociedade força uma transmutação dos corpos sem órgãos em corpos dóceis. Mudança com a qual estes corpos interrompem a produção de desejo, para serem submetidos e exercitados por uma espécie de organismo disciplinar social. Sugerimos, então, que a operacionalidade corporal submetida à disciplina é comparável à funcionalidade dos órgãos submetidos ao organismo. No confronto entre as anatomias corporal e política, os mecanismos de poder controlam a estrutura do corpo na sociedade.

Quando retomamos a narrativa de “O afogado”, este laboratório de poder é comparável ao agrupamento dos moradores, “[...] porque não havia distinções nem individualidades: eram todos o mesmo grande e triste monstro humano, uma única cabeça, tronco, membros” (ABREU, 2018, p. 168). A unidade comunitária é semelhante a uma anatomia política, de tal maneira que, por ser regida pelos valores tríplices decência-moral-costumes, esta corporalidade social, ao não integrar os cúmplices em sua mecânica de poder, submete estes corpos à morte. Como evidenciamos, enquanto um ato disciplinar que se excede, a morte é utilizada para interromper o movimento corporal e, portanto, se buscar em última instância o controle, estagnando os devires, os estados de vir-a-ser dos protagonistas. Quanto a isto, para retomar a operacionalidade do médico na comunidade, ignorando a cumplicidade existente entre a dupla masculina, a massa mata o desconhecido sem funcionalidade para a vila: “[...] os braços baixavam e abatiam-se sobre sua cabeça repetidas vezes” (ABREU, 2018, p. 178). Mas, desconhecendo a unidade do CsO que, nesse caso, se apresenta nos termos afogado-doutor, ela desdobra o óbito de um personagem ao outro: “[...] arrumou cuidadoso o cadáver, lavou as manchas de sangue do rosto, depois foi entrando lentamente no mar” (ABREU, 2018, p. 178).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa leitura do conto abreuliano, pensamos que ao revisitarmos as temáticas de sua contística, nos deparamos com um autor que, assim como sua obra, experiencia o limítrofe. Na sua escrita há uma certa experimentação que coloca o seu texto em um âmbito literário que repensa os binarismos e dicotomias sociais. Como dito pelo pesquisador Italo Moriconi, em “Introdução” ao livro de compilação de *Cartas*, “Caio ocupou um entre-lugar [...] que merece ser estudado e discutido por quem se interessa por uma reflexão crítica sobre a história recente da produção cultural no Brasil” (MORICONI, 2002, p. 18).

Indicamos tal fato porque a literatura abreuliana historiou, mesmo que (in)diretamente, situações de marginalizações e preconceitos, aspectos que podem se desenrolar em qualquer sociedade.

Seguindo essas reflexões, indicamos a necessidade de uma discussão como a do ensaísta Silviano Santiago e sua noção de entre-lugar, para destacar a maneira como o escritor contemporâneo se situa “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão [...]” (SANTIAGO, 2019, p. 29). Dessa maneira, percebemos que, assumindo esse papel de intelectual latino-americano, Caio se demonstra um leitor, mas sobretudo um intérprete do seu tempo, das questões que lhe tocam e que são caras a ele e àqueles que aparecem como personagens de seus textos literários. À medida que produz sua escrita, vai realizando o seu ritual canibalesco, incorporando em sua obra os dramas de sua temporalidade.

Em um texto como o conto “O afogado”, constatamos que Caio Fernando Abreu literatiza uma relação de alteridade, em que os protagonistas se unem em um CsO em oposição aos antagonistas que simulam um Organismo. Nessa (des)estratificação, vemos relações sociais de ambivalência, pois estranhos à comunidade, o doutor e o afogado se distinguem – ao modo que se relacionam – em seus lugares de médico e de paciente. Os cuidados clínicos ao desconhecido reforçam a sua inutilidade para os pescadores, pelo fato de o estrangeiro ocupar um espaço antes reservado aos doentes da vila. A performance desses corpos sem órgãos se constitui como uma extraterritorialidade, uma alegoria à aversão aos estrangeiros, aos homossexuais, como poderia ser a outros grupos marginalizados socialmente.

Caio Fernando Abreu, enquanto intérprete do seu tempo, incita em seus leitores a percepção de como seus protagonistas – que poderiam ser pessoas reais – confrontam um poder social estratificante, através de uma potência

corporal libertária. Vemos que enquanto a vila segue a decência-moral-costumes, os cúmplices periclitam a ordem da comunidade. O medo causado pela desordenação incita a morte, uma consequência do confronto entre Poder e Potência na percepção de Deleuze e Guattari. Essa tensão é iniciada e concluída na praia, que representa um entre-lugar na contística abreuliana. No sentido do ensaio de Santiago, tomamos esse local de instabilidade, em que areia e água se sobrepõem, como uma alegoria aos conflitos sociais. No conto “O afogado”, essa localidade extratextual integra a introdução e a conclusão, expressando as transgressões, as agressões e os sacrifícios narrados através dos corpos dos cúmplices.

Portanto, consideramos que as interrelações literárias e filosóficas se estruturam por esse entre-lugar ocupado por Caio Fernando Abreu na forma de sua literatura. Esse aspecto se estabelece possivelmente intercalado entre o propósito autoral, devido a uma percepção extraliterária do escritor, e à dedução analítica de um percurso (in)consciente do autor pelo âmbito socioliterário. Neste sentido, a representação do corpo no conto abreuliano confronta uma corporalidade socializada, recriando alegoricamente as implicações sociais sobre o corpo, para (re)pensar as relações estabelecidas entre o indivíduo e a coletividade.

### REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. *Cartas*. Org. Italo Moriconi. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

ABREU, Caio Fernando. *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ABREU, Caio Fernando. *O essencial da década de 1970*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs, vol. 3: capitalismo e esquizofrenia 2*. Trad. Aurélio Guerra Neto et al. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. (Coleção Trans).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* 1. Trad. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. (Coleção Trans).

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhe. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MORICONI, Italo. Introdução. In: ABREU, Caio Fernando. *Cartas*. Org. Italo Moriconi. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. p. 10-21.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019.

TELLES, Lygia Fagundes. Prefácio. In: ABREU, Caio Fernando. *O ovo apunhalado*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016. p. 13-14. (Coleção L&PM Pocket).

Recebido em 23/04/2020.

Aceito em 07/11/2020.